

O retorno em *O Verão Tardio*, de Luiz Rufatto: quando a volta para casa é outro exílio

The Return in *The Late Summer*, by Luiz Rufatto:
when Another Exile Returns Home

Clélia Gomes dos Santos^{1,2} 

Robson Coelho Tinoco¹ 

¹ Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

² Instituto de Educação Ciência e Tecnologia Baiano, Bom Jesus da Lapa, Bahia, Brasil

E-mails: lela.ibce@hotmail.com; robson@unb.br

Resumo

Após duas décadas de trabalho na cidade de São Paulo, Oséias retorna a Cataguases, sua cidade natal. Nostalgicamente, seis dias são suficientes para que esse narrador-protagonista experimente um retorno (como tipo de novo exílio) marcado por fraturas emotivas, descentramentos familiares e reencontros, pode-se dizer, mesmo hostis. Nesse retorno, percebe que estar no lugar de origem não lhe dá a sensação de estar em casa. Assim posto, o objetivo desse artigo é analisar o sentido de retornar como espécie de autoexílio no romance *O verão tardio*, de Luiz Rufatto. No romance o protagonista retorna a sua cidade, tentando reencontrá-la em si mesmo, numa espécie de viagem às avessas onde tempo e espaço se cruzam, quando ele anda pelos lugares de infância. A análise foi feita a partir da leitura do e reflexão sobre o romance, entremeada com estudos já feitos sobre o autor, bem como de estudiosos que discutem temas como deslocamentos, migrações, literatura contemporânea, exílio, a saber: Zygmunt Bauman, Homi Bhabha, Stuart Hall, Edward Said e Regina Dalcastagnè.

Editora-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Recebido: 05/05/2023

Aceito: 02/07/2025

Como citar:

SANTOS, Clélia Gomes;
TINOCO, Robson Coelho. O
retorno em *O Verão Tardio*,
de Luiz Rufatto: quando
a volta para casa é outro
exílio. *Revista Diadorim*,
v.25, n.1, e58530, 2023. doi:
[https://doi.org/10.35520/
diadorim.2023.v25n1a58530](https://doi.org/10.35520/diadorim.2023.v25n1a58530)

Tais estudos demonstram que indivíduos em condição de deslocamento, submetidos a pressões materiais e simbólicas, sujeitam-se a situações extremas e, por vezes, ao sentimento de inadequação, pois a vida os transforma em estrangeiros de seus lugares conhecidos de origem, por onde perambulam, como os que lhes restaram.

Palavras-chave

Literatura Contemporânea; Exílio; Deslocamento; Reencontro.

Abstract

After two decades of work in the city of São Paulo, Oséias returns to Cataguases, his hometown. Nostalgically, six days are enough for this narrator-protagonist to experience a return (as a type of new exile) marked by emotional fractures, family decentering and, one might say, even hostile reunions. Upon his return, he realizes that being in his place of origin does not give him the feeling of being at home. Thus, the objective of this article is to analyze the meaning of returning as a kind of self-exile in the novel *The late summer*, by Luiz Ruffato. In this novel, the protagonist returns to his city, trying to find it in himself, in a kind of journey in reverse where time and space intersect, when he walks through the places of his childhood. The analysis was carried out based on reading and reflection on the work, interspersed with studies already carried out on the author and the work, as well as scholars who discuss themes such as displacement, migration, Contemporary Literature, exile, namely: Zygmunt Bauman, Homi Bhabha, Stuart Hall, Edward Said and Regina Dalcastagnè. These studies showed that individuals in a condition of displacement, subjected to material and symbolic pressures, are subjected to extreme situations and, sometimes, to the feeling of inadequacy, as life transforms them into foreigners from their known places of origin, where they roam, like what was left of them.

Keywords

Contemporary Literature; Exile; Displacement; Reencounter.

Introdução

Trajetórias marcadas por deslocamentos, desterros e interferências psicossociais na vida do indivíduo se tornaram discussões frequentes na literatura brasileira e têm sido especialmente exploradas desde a segunda metade do século XX. Assim, estruturada por uma temática que envolve as mobilidades forçadas, a ficção tem caminhado por questões como desenraizamento, problemática da identidade, diáspora do retirante, deslocamentos dentre outros.

É notório também o drama, a insatisfação e repulsa daqueles que retornam das arribadas e sofrem as consequências de sua volta, pois esta não lhes oferece qualquer garantia de pertencimento. Nesse sentido, servem de exemplo as personagens Nelo e Totonhim, de Antônio Torres, nos romances *Essa terra* e *O cachorro e o lobo*, consecutivamente. Ambos, depois de longos anos na cidade de São Paulo, retornam para o interior da Bahia e se deparam com dissabores das transformações do lugar e de si próprios. O primeiro se suicida e o segundo não se identifica com o lugar e pessoas que ali deixara. Tais exemplos, como outros tantos, são leituras que mostram que a produção literária brasileira contemporânea tem tematizado a realidade desse universo, no geral, hostil.

Numa perspectiva que se aproxima dos exemplos acima, quanto a narrativas com sujeitos em condições de desterro, pode ser citado *O verão tardio*, de Luiz Ruffato, o qual coloca em evidência a desolação do sujeito diante da tentativa de se reconectar com suas origens depois de uma temporada distante da cidade natal. O livro apresenta uma narrativa no geral bem composta em ambientações e diálogos, no mais, sobre um homem e suas tentativas (objetivas e subjetivas) de reatar, reconstituindo em si, os fios (cortados, arrebatados) de um passado marcado por lembranças, saudades, vontades, buscas.

Luiz Ruffato apresenta parte da vida do narrador-protagonista Oséias na capital paulista, onde experimentou tanto feitos promissores quanto dissabores, solidão e desprestígio. Oséias retorna ao lugar de origem, a cidade mineira de Cataguases, trazendo na bagagem, sobretudo memorial, sua “ruína” existencial e física, numa tentativa de reencontro e recuperação do amparo e do afeto que a terra natal hipoteticamente lhe ofereceria. Apenas seis dias de estadia na cidade são suficientes para que ele, entre rememorativos passos lentos e arrastados, revise pontos de sua vida por meio de suas lembranças.

Oséias, depois de passar muitos anos em São Paulo onde trabalhou como representante comercial, casou-se, teve um filho, divorciou-se e se aposentou. Nessa viagem de retorno, o então protagonista que também é narrador – percebendo-se em si próprio como prisioneiro e carcereiro, vítima e algoz (Han, 2019) – reencontra seu irmão, João Lúcio, e suas irmãs, Rosana e Isabela, além de outros conhecidos. Tal retorno, no entanto, vai de encontro à frieza de um lugar que não é mais o mesmo, assim como das pessoas que seguiram suas vidas, enquanto ele estava em São Paulo.

O retorno de Oséias não é a garantia de conexão com suas origens, uma vez que a estadia em Cataguases é fortemente marcada por uma sequência de frustrações, desajustamentos, hostilidades e indiferenças. Nesse sentido, ao acompanhar a saga de Oséias, nota-se como as arribadas na vida dos sujeitos que se retiram de seus lugares de pertencimento, premidos por necessidades e anseios materiais, vão além de travessias geográficas e da transposição das condições econômicas e sociais que opõem territórios, em essência, complementares: o de partida e o de chegada.

Com uma enredada miscelânea de personagens, *O verão tardio* possibilita pensar como se dão as diversas esferas das relações sociais nas quais estranhamentos, vínculos impassíveis, disputas de poder tornam a convivência entre si praticamente um feito impossível. No romance, Ruffato propõe uma ficção que impacta subjetivamente na investida de compor um espaço único e comum, mas que, na verdade, desvela um cenário de decomposição e fragmentação das relações que vão ganhando visibilidade no avançar da narrativa. Sobre isso, em entrevista recente, Ruffato afirma que se trata da narrativa “de um sujeito inadequado a seu universo, torturado pela tentativa infrutífera de resgatar o passado” (Ruffato, 2021).

Enquanto vagueia pelas ruas de uma cidade estranha e fria, o narrador apresenta, entre construções curtas e descritivas, fragmentos de lembranças sobre pessoas, sentimentos, momentos, à medida que verifica como os lugares de sua memória não são mais palpáveis, e como estão mudados décadas depois. A narrativa, no geral, se estrutura num plano de tempo – duplo-dúbio – composto por um jogo-elo bitemporal do lembrar e do estar, do perceber e do não entender.

Sob tais aspectos, esse artigo pretende trazer alguns pontos de *O verão tardio* com ênfase na ideia do retorno, bem como nos desencadeamentos desse ritual-de-retorno na vida de um sujeito que, submetido às pressões materiais e simbólicas dos processos de ir e vir, têm os referenciais de partida e de chegada em si confundidos. A trilha de análise é a de que Oséias vive uma experiência do exílio no próprio torrão natal, configurado num ambiente de inadequação e de impossibilidade de regresso.

O sentido de exílio aqui destacado não se refere à condição de quem perdeu o país ao ser expulso ou expatriado de maneira forçada, ou dele ter saído de maneira voluntária, mas de quem não o encontra mais como *locus* existencial ou se percebe dele excluído sem mesmo estar em território estrangeiro. Refere-se, pois, ao exílio como alusão à perda simbólica e afetiva de uma pátria individual que se faz coletiva, em que o sentimento de inadequação e não pertencimento são constantes na vida do sujeito, mesmo ele estando num espaço que lhe fora um dia familiar. Esse exílio, portanto, é uma solidão vivida fora do grupo e um estado descontínuo do ser-em-vida; é a privação sentida por não estar com os outros numa habitação comunal (Said, 2003).

Oséias: quando o retorno para casa é outra condição de exílio

A imagem projetada pela narrativa ao leitor é a de um poço, um buraco, um beco sem saída, algo assim confusamente turvo na mente de Oséias, ao vivenciar tal experiência pessoal tanto quanto inóspita. É um inadmitido ermo, um lugar desabitado em que o único sinal de gente que se tem a princípio provém dos próprios chinelos que se arrastam, vagarosos e pesados, quebrando o silêncio estarecedor da inexistência de risadas, de bate-boca, de conversas, de motor de carro, mesmo estando na poltrona de um ônibus, figurado num ambiente sombrio e frio, como se vê no trecho a seguir:

Os pés arrastam-me através de um imenso deserto. O amarelo da areia, amarelo do sol, a vista turva, sinto sede, no horizonte, dunas após dunas, o céu sem nenhuma nuvem. Então percebo, no fundo de uma depressão, algo como uma poça azul. Sem forças, deixo-me rolar pirambeira baixo. Debruço-me na água e quando levo a mão para o molhar os lábios a poça torna-se areia movediça e traga meu corpo magro seco. Tento gritar, mas a voz permanece aprisionada. [...] “Senhor! Senhor!”, alguém me chacoalha. [...] Encontro-me sentado na poltrona de um ônibus. Lá fora, a minúscula rodoviária de Cataguases, a mesma desde a minha infância (Ruffato, 2019, p. 11).

Essa aparição da rodoviária no primeiro parágrafo, ao iniciar o livro, pode mesmo parecer providencial, pois é tanto o ponto de partida da história quanto o de chegada de Oséias, que se dá por meio desse acabrunhado sonho, num lugar seco desértico e sem a possibilidade de qualquer viv' alma. Assim, seu retorno a Cataguases é o retrato de uma trajetória que perpassa tanto por lugares físicos quanto subjetivos, o que faz com que a incerteza ofusque qualquer esperança e expectativa de progresso. A sensação de passado perdido e de futuro incerto se misturam no presente com o desejo de regresso às suas origens, também percebido-vivenciado como que num encontro consigo mesmo.

Oséias beira os cinquenta anos de idade e passara trinta em São Paulo, onde trabalhou como representante comercial de uma empresa de produtos agrícolas, pela qual viajava pelo interior do estado. Na narrativa ele, que está cochilando no ônibus ao chegar à cidade mineira, apresenta-se como uma figura apática, melancólica, com a aparência mesmo de doente. Nesse contexto-reconstrução pessoal, a desolação da personagem se confunde com o ambiente do desembarque – um lugar sujo, sombrio, cheirando a óleo diesel misturado “à morrinha do ar-condicionado” (Ruffato, 2019, p. 12).

O rosto já estranho das pessoas, até mesmo daquelas de feição familiar, se não lhe falha à memória, materializa o retorno às avessas num ritual inglório em que qualquer investida de reaproximação será fracassada:

Desculpe incomodar, mas você não é o Alcides? Eu acho que lembro de você da época do...”. Ele se volta, colérico, os olhos injetados, apoia-se no balcão, espantando os mosquitos, e grita, interrompendo-me: “Que papo é esse, cara?! Não vem com conversinha fiada, não! Você me conhece? Foda-se! Eu não te conheço! (Ruffato, 2019, p. 13).

A tentativa frustrada de se reconectar com o conhecido do passado é uma amostra de que a distância temporal e geográfica fraturou as relações entre os indivíduos e Oséias começa a se sentir estranho logo à chegada, no seu lugar de nascimento. Nessa linha, o fragmento acima retrata uma série de situações em que o estranhamento, o medo e o não reconhecimento pelo lugar reforça a incerteza de sonhos e a permanente fratura entre o ser humano e os lugares de nascimento e o de chegada. Restam-lhe apenas rastros de esperança de uma volta para uma terra imaginada, porém, que nunca mais será a mesma da partida.

Oséias, narrador e protagonista de sua própria andança, traduz-se como um sujeito perdido, vagando por lugares indefinidos. Desencontrando-se nesse vagar. Está sozinho, sem moradia, sem dinheiro ou qualquer outro bem e isso o deixa sem rumo e percebe que “com o tempo, essa espécie de tédio me transformou em personagem de mim mesmo, afeito a concordar sempre, a sempre dissimular minhas opiniões ou sentimentos, isolando-me mais e mais” (Ruffato, 2019, p. 26).

Ele vai como que se diluindo aos poucos, ficando fora de tudo, de todos e de si próprio, restando-lhe andar pela cidade-mundo-vida, unicamente acompanhado de uma sensação de vazio, de instabilidade e de desequilíbrio. Nessa caminhada, estar em Cataguases não lhe traz o conforto de casa e apenas as lembranças de seus próprios fracassos e frustrações caminham a seu lado, assim como o “silêncio e a solidão” (Ruffato, 2019, p. 124). Oséias não se reconhece nos lugares de suas memórias e vive uma espécie de exílio em si mesmo, ao retornar ao próprio chão de seu lugar original. Com base em Edward Said, Rafaela Brandão Alves, Cláudio Roberto Vieira Braga e Daniela Scheinkman Chatelard (2019, p. 1) concebem que “quando nos percebemos sozinhos ou perdidos em nossas casas, ou quando vivenciamos a solidão na sua forma mais dura: o exílio de nosso próprio lar”.

De difícil definição, o conceito de exílio é polissêmico e de natureza que, além de disciplinar, pode abranger algumas explicações. Numa conceituação mais simples e cotidiana e do senso comum, estar exilado é estar expulso da pátria, desterrado, deportado, ou, ainda em sentido figurado, retirado, acompanhado da solidão. Nesse aspecto,

(...) pela sua complexidade e fluidez polissêmica, a noção de exílio não é susceptível de reunir consenso nas diversas áreas onde é abordada. Podemos, no entanto, afirmar que, transversal e comum a todas as tentativas de definição, está o núcleo da ausência ou da deslocação de alguém do pátrio solo (Araújo, 2010, p. 17).

O exílio pode também ser o resultado de uma ação imposta ou voluntária. Como obediência a forças externas e superiores, ou por interesses soberanos, assim como por vontade própria, de uma ação consciente, como uma escolha individual. O recolhimento íntimo, pode ser a maneira mais particularizada do indivíduo experienciar o exílio (Queiroz, 1998). Sob tal estado de recolhimento, Oséias se entrega às lembranças e essas mostram como o (seu antigo) lugar já não é mais o mesmo, causando-lhe ainda mais estranhamento, tanto que “implacável, o tempo corrói, secretamente, o presente que passa, como traça num livro [...]. O silêncio. A solidão” (Ruffato, 2019, p. 124).

O desterro de alguém da sua terra natal estaria, então, na origem do que se pode delimitar, em sentido nominativo, como exílio. Percebe-se nesse sentido, que o sentimento de estar (sentir-se) exilado ultrapassa essas fronteiras semânticas e está atrelado a outro elemento que não seja especificamente o lugar de origem. Nessa linha, *O verão tardio* reforça tal pensamento quando Rosana, irmã de Oséias, interpela-o, alertando-o de que as coisas não são mais as mesmas, o tempo passou e, com ele passando, as pessoas também mudaram. Então ela, mesmo como repreensão, lhe diz que “chega do passado, Oséias! [...] “Temos que viver o presente! O momento! Você permanece com os olhos virados pra trás!” (Ruffato, 2019, p. 88).

O sujeito exilado atravessa fronteiras, quebra barreiras do pensamento e a experiência ser delimitadamente territorial ou só íntima, marcada pela violência ou fruto de decisão pessoal; resultado de expulsão ou degradação, resistência ou de discordância. Desse modo, o exílio resulta de deslocamento geográfico e envolve uma expatriação legal, forçada ou voluntária entendendo que, em tal contexto, *pátria* compreende o lugar de morada, com percepção dessa morada, e não necessariamente um país. Nesse processo de percepção de si e do outro, resulta a noção de que há exilados em todos os lugares, inclusive na própria pátria e ou terra natal (Bhabha, 2005).

Assim sendo, a degradação do sujeito acontece dentro do círculo social e é seguida por um exílio interior, o que significa dizer que este vive exilado dentro de sua comunidade e em espaços não propriamente geográficos. Nesse sentido, Paul Ilie (1980) considera que o exílio se caracteriza mais como uma condição mental do que a falta de contato físico entre pessoas ou com terras e casas.

Edward Said (2003) faz uma abordagem do tema considerando diversos aspectos e enfatiza a importância e necessidade de evidenciar ao leitor que o exílio é nocivo e que, apesar de ter aspectos positivos, no geral suas consequências são negativas. Assim:

O exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experienciar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e o seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada. E, embora seja verdade que a literatura e a história contêm episódios heroicos, românticos, gloriosos e até triunfais da vida de um exilado, eles não são mais do que esforços para superar a dor mutiladora da separação. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás, para sempre (Said, 2003, p. 46).

Entenda-se que o exílio não é uma questão de opção ou de escolha, por isso ele se difere de outras formas de afastamento da terra natal, pois ser expulso de sua terra e impedido de voltar a ela é o que define a condição do exilado. Nesse tecido de trama narrativa, em *O verão tardio* é possível visualizar um enredamento entre espaço e tempo que configura um contato transfronteiriço de dois momentos de uma mesma personagem: São Paulo e Cataguases, ambos experienciados no universo das lembranças, pois embora o corpo esteja fisicamente neste, isso não lhe garante o sentimento de pertença na sua plenitude. O primeiro momento é a vida na capital paulista que deixa de existir. Assim, a demarcação narrativa no endereço “Rua... Rua... Invento... Rua... Oiapoque. Número... número... 100. Cidade: São Paulo. uf: sp” (Ruffato, 2019, p. 106), por exemplo, permanece apenas na memória de Oséias. A resposta “moro em São Paulo” não reflete mais a realidade do narrador, que deixara a cidade no intuito de reencontrar com os seus no interior de Minas Gerais, mas que, no entanto, traz na bagagem infortunas lembranças, das quais faz parte o casamento arruinado com Marília:

Mas então ela se levantou, pegou a bolsa. Perguntei, atônito, Por que que você me trouxe aqui, Marília? Ela respondeu, porque não sabia qual seria sua reação. E, antes de ir batendo a porta, disse, coloquei suas coisas no porta-malas, por favor, não ponha mais os pés lá em casa. Eu me joguei na cama e, nocauteado, dormi um sono sem sonhos. Acordei desorientado, tarde da noite, [...] (Ruffato, 2019, p. 78).

Trata-se de uma lembrança carregada por um misto de ser desabrigado e despossado, na figura de um apartamento que já não é mais seu, numa perda territorial somada à perda sociossimbólica, no caso sua mulher, que o deixara para viver com outro. Tem-se aí um deslocamento físico e afetivo na desposse do lar e da esposa, consecutivamente, como destacado no fragmento acima, quando Oséias afirma acordar desorientado.

A aposentadoria antecipada por causa dos sinais da doença é um outro drama na vida do protagonista ainda que, com o fim do casamento, o gosto pelo trabalho já não era mais o mesmo. Nesse processo de fatos passados e retorno, antes Oséias contava com um emprego como representante comercial numa empresa de produtos agrícolas que, de certo modo, proporcionava algum *status* e ascensão social. A aposentadoria passa a ser uma extremidade entre uma vida útil, de conquistas pessoais e profissionais e o sentimento de inutilidade, também de perda do convívio social que o trabalho proporciona. O trecho a seguir demonstra o quanto o eufemismo no processo de desligamento do protagonista da empresa o conforta: “A matriz me chamou, alertou, considerou, relevou, até que dois anos atrás me despediu. Tentaram fazer parecer que não era uma demissão, mas um... desligamento... honroso...” (Ruffato, 2019, p. 81).

Mesmo tendo sido um momento de celebração, como o próprio Oséias narra, o vazio, o sentimento de descarte e a solidão passaram a acompanhá-lo:

Promoveram um pequeno coquetel, sexta-feira depois do expediente, o diretor de vendas fez discurso, elogiando minha dedicação e honestidade, me presenteou, um relógio com meu nome gravado, errado, na tampa, Oséias com zê, e um cheque equivalente a quatro retiradas, os colegas me cumprimentaram, indiferentes, e em uma hora e meia eu suspirava sozinho no quarto da pensão onde morava agora, perto do Minhocão (Ruffato, 2019, p. 81).

Ocorre que a antecipação da aposentadoria aumenta a convicção de fracasso, de impotência e a sensação de exílio pelo fato de ele não ser mais reconhecido pelo ambiente de trabalho, o que lhe causa a certeza de que uma pessoa é substituída assim: sem cerimônia alguma. Também em “formato” de aposentadoria existencial, nesse sentido o exílio, muitas vezes, não está ligado a uma terra física, mas a uma terra imaginada, que deixou de ser acessível e que por alguma razão se alterou com o tempo mas que, no entanto, continua viva na memória sem nenhuma mudança. Aqui, o narrador-protagonista, mais uma vez, perde a sensação de pertencimento.

Nesse contexto de perdas (abandonos) entre silêncios assumidos, *casa* pode não significar apenas moradia, residência, lar, lugar de proteção, mas pode se referir a um grupo social, a uma nação ou a um lugar a que se esteja ligado estritamente, num tempo qualquer de vivência, e às relações construídas ao longo da vida. Estar fora do lugar é também se sentir fora do convívio social, religioso, profissional, do país, da comunidade e mesmo, espiritualmente, estar fora do próprio corpo. Também nesse contexto, somam-se aos aborrecimentos vividos por Oséias, em São Paulo, a relação estremecida ou quase inexistente com seu filho Nicolau, que se tornara arredio e agressivo como reflexo dos constantes desentendimentos entre os pais.

Quanto a essa relação familiar, aliás, na narrativa Ruffato deixa evidente que Oséias evita falar do filho ou pouco sabe sobre ele, apesar de dar a entender, para o leitor, o quanto gostaria que essa situação fosse diferente. Tanto é que, ao ser perguntado sobre Nicolau, Oséias titubeia: “E o Nicolau, ele faz o quê?”. Não fôssemos apenas vozes na escuridão, ela notaria o meu constrangimento. “Ele... quer dizer... temos pouco contato...” (Ruffato, 2019, p. 79). Também, esse outro fragmento retrata o afeto do pai ao sonhar um dia com o futuro do filho e, ao mesmo tempo, o quanto essas expectativas foram frustradas e inúteis: “O que terá acontecido com ele? Tanta esperança! Vencíamos noites em claro listando profissões que ele poderia trilhar, fantasiando momentos felizes juntos quando ele crescesse... Nicolau... Niquim... Nico... Para quê?”. (Ruffato, 2019, p. 79-80). Note-se que o sujeito que é forçado ou voluntariamente expropriado do que lhes é familiar está vulnerável à diferentes experiências do exílio (Alves, Braga e Chatelard, 2019).

Depois dessa visita familiar em São Paulo, o foco analítico retoma Oséias em seu retorno de fato a Cataguases, caminhando saudosamente solitário por uma cidade mudada que reverbera um cenário irreconhecível. Nessa caminhada solitária há como que uma emocional descrição, com riqueza de detalhes de diferentes aspectos e sensações, o que leva o leitor a uma imersão pelo ambiente descrito, em perspectiva quase que real pois “a cidade está feia, suja, fedendo a mijó. O lixo se espalha pelos meios-fios. Sento-me num banco da praça Rui Barbosa, debaixo de uma sibipiruna. Mesmo parado continuo a transpirar. Esvazio, em pequenos goles, a garrafa de água” (Ruffato, 2019, p. 24).

O retorno para casa nem sempre se configura numa ação confortável e de acordo com os projetos e anseios da partida, numa volta que se efetiva deixando, muitas vezes, de ser apenas um ideal. Ocorre que nesse processo de desvelamento pessoal, da mesma maneira que a ação de ir, a de vir também se transforma numa condição utópica do sujeito em trânsito. Tal processo de volta envolve muito mais do que apenas aspectos financeiros, não se tratando de mero regresso à terra de origem por fatores ligados a questões familiares ou econômicas. Afinal, nessa condição, o vir implica reconstrução, readequação e readaptação e esse processo está diretamente relacionado à produção do seu espaço cotidiano, considerando que o lugar de chegada é sempre diferente do lugar de partida, inclusive geograficamente, pois onde havia espaços abertos, há construções, ou o contrário. Então, imersa-dispersa-diluída nesse processo, e tomando como base o próprio *O verão tardio*:

A cidade se multiplica como células cancerosas. Ali, onde tinha a Ilha, a zona, aterrada, agora há um supermercado [...]. São antigas fábricas, móveis, tecidos, metalurgia, confecções, que faliram, e agora o mato enfezado se adona dos pátios, a água da chuva escarva as paredes, o vento arranca os tetos. Implacável, o tempo corrói... (Ruffato, 2019, p. 97-98).

Para Oséias, nessa (ainda) sua, (mas) estranha Cataguases, retornar ultrapassa juntar todos os pertences, colocar na mala e pegar estrada, pois o indivíduo-protagonista que faz o caminho de volta passa a viver territorialidades distintas: a primeira, vinculada ao território de origem, marcada pelos aspectos e costumes desse território; a segunda, determinada pela mistura entre essa primeira (local de origem) e as peculiaridades do território de imigração (local de chegada); e, ainda, a territorialidade se referindo àquela marcada pelo retorno e que se configura num território de aparente domínio do retornando, mas que, aos poucos, vai se mostrando marcado por diferenças, pelas modificações do lugar ocorridas também durante a ausência desse indivíduo. Tal superestrutura de partidas-em saídas-retornos-em chegadas é retratada numa conversa com Rosana, quando Oséias sugere um reencontro com Isinha e João Lúcio o obtém como resposta da irmã: “Lá vem você com esses antigamentes... Antigamente não existe, Oséias, antigamente ficou pra trás! Morreu! Acabou!”, ela diz, zangada. “Será que tudo é assim..., “murmuro” (Ruffato, 2019, p. 90).

As memórias da infância e da juventude do narrador vão se intercalando com os desdobramentos de uma sucessão de encontros, alguns conhecidos do passado, a exemplo do antigo professor Mendonça ou do agora prefeito Marcim Fonseca; outros, com pessoas desconhecidas até aquele momento, além dos irmãos. O que se percebe na maioria desses (des)encontros é que o retorno de Oséias não é algo celebrado ou sequer visto entusiasmadamente pelos seus parentes ou por outros habitantes da cidade. O fato inquestionável é que a chegada do mais recente *sampauleiro* não causou nenhum reboliço mesmo nos familiares mais próximos.

O desânimo e a apatia de Oséias – doente e desmotivado por estar desenganoado pelos médicos –, mistura-se à frieza e insensibilidade dos outros. Seu retorno, justificado pelos poucos dias de vida que lhes restam, a fim de se reconciliar com o passado (do qual carrega a culpa do suicídio da irmã Lígia), assim como a sua própria existência, não têm mais potência para conceber, reestabelecendo, os vínculos desejados. Ele não conta mais com o filho e a esposa, restando-lhe a irmã Rosana, que o interroga com desconfiança e indiferença, além de descrédito:

Afinal, o que você veio fazer em Cataguases, depois de tanto tempo? Aliás, quantos anos você não aparecia por aqui?”. Ela volve a mesa onde estou sentado e passa o dedo na superfície dos móveis e eletrodomésticos, simulando inspecionar o trabalho da Kelly. “Desde o enterro da mãe. Quase vinte”, respondo, e tento mudar o rumo da conversa (Ruffato, 2019, p. 33).

O retorno do irmão não é o assunto central da conversa. Esta envereda para Rosana, que se tornara diretora de escola, que cuida da aparência e viaja para Nova York com as amigas, num típico discurso de demonstração de ascensão social. A irmã ainda cuida de exaltar a filha Tamires, que “podia ser tudo, médica, advogada, mas optou pelo comércio” (Ruffato, 2019, p. 35).

Os irmãos têm, de acordo com a narrativa, padrões financeiros bem desiguais. Assim, João Lúcio e Rosana estão bem financeiramente; já Isinha se assemelha a Oséias quanto à questão de emancipação financeira e referente condição social. Note-se que nessa relação fraternal Rosana o vê como alguém que fracassou na vida e que, depois de passar tantos anos longe, continua ausente e sem relevância:

“Por que que você resolveu aparecer assim, do nada, Oséias?” [...]

“O que que você quer?”

“Não quero nada de você, Rosana, pode ficar tranquila.”

“Você está sem dinheiro?”, ela pergunta (Ruffato, 2019, p. 36).

Para maior espanto do leitor, e mesmo uma notada quebra de expectativa textual – quanto ao descaso da recepção dada ao narrador-protagonista –, Rosana o enxota de sua casa por meio de um bilhete deixado na cozinha, avisando-o para procurar um outro lugar para ficar. Esse é o primeiro contato direto com um familiar que descortina a hostilidade de seu retorno a Cataguases.

A insegurança plantada no chão natal em que Oséias voltou a pisar desperta em sua memória fantasmas adormecidos e esses insistem em o acompanhar nas andanças de rememoração e até reposicionamento frente a sua nova-antiga realidade de vida. Nesse processo, o interior mineiro não é mais o lugar do sossego, do ócio e das conversas nas calçadas entre conhecidos. Num doloroso processo, Oséias começa a se sentir um exilado que busca se encontrar naquele lugar que agora parece não mais lhe pertencer. O que ele percebe, forte em si, é que sua existência de cidadão invisível traz muitas instabilidades quanto à vida e aos aborrecimentos cotidianos.

Nota-se que essa personagem de Ruffato faz parte de indivíduos que “com suas trajetórias pessoais, ajudam-nos a compor um painel mais plural sobre a vida no país nos dias de hoje” (Dalcastagnè, 2012, p. 32). Nesse sentido conceitual-analítico como base argumentativa, a insistência em saber sobre a condição financeira de Oséias evidencia que a transformação econômica com consequências sociais sinaliza uma consciência histórica de quem inventa a narrativa, consciência atenta à mudança e seus desdobramentos sobre a vida dos indivíduos.

Seguindo, para retomar o espaço da cidade por meio das lembranças de infância do narrador:

Cataguases... Essas árvores me vigiaram, esses paralelepípedos acompanharam meus passos... As paredes têm ouvidos, mas não bocas. Tivessem, contariam do menino magro que voava pela cidade em sua bicicleta Caloi verde, engolindo a paisagem. Dono do tempo, expandia mais e mais os horizontes, sem saber que esse espaço, dilatado, me faria perder o rumo, o prumo, para, afinal, desembarcar no mesmíssimo lugar, mas tão distinto que não consigo reencontrar aquele que fui, como não identificamos, muitas vezes, em fotografias antigas, os rostos das pessoas que nos ladeiam. Atravesso a cidade como um espectro (Ruffato, 2019, p. 97-98).

Desse modo, Oséias não representa o conflito de um sujeito em andança em particular, mas de um coletivo de indivíduos diante do processo de retorno à terra natal depois de uma temporada fora. Mundos contínuos a oferecer novos modos de vida, novos hábitos, novas linguagens e novas dificuldades e necessidades de readequações.

De acordo com Regina Dalcastagnè (2003), esses sujeitos são compelidos a seguir adiante, fugindo de si mesmos, sem identidade definida, que foi se perdendo e/ou sendo reconstruída na travessia por lugares distintos onde o outro não é mais uma projeção mas, antes, e agora, um se estranhar a si próprio (um entranhar-se em si). Dessa maneira, o medo e a incerteza resultam de uma trajetória frustrada, antes imaginada proficuamente, como se percebe na fala na qual se evidencia o nível de desgoverno (espiritual? emocional?) em que Oséias se vê: “Vaguei sem rumo, esbanjando as horas, perdulário... E agora...” (Ruffato, 2019, p.188).

A fala do narrador exemplifica o sentido de vazio considerado por Zygmunt Bauman, em que “o vazio do lugar está no olho de quem vê e nas pernas ou roda de quem anda”. Por conseguinte, a compreensão desse sentimento de vazio e de solidão, reverberado por Oséias, corresponde aos lugares inacessíveis e “onde se sentiria perdido e vulnerável, surpreendido e um tanto atemorizado pela presença de humanos” (Bauman, 2001, p. 133).

Voltando ao romance, retornar a Cataguases inclui uma breve visita à casa do irmão João Lúcio, que o recepciona com espanto, mas que não perde a oportunidade de mostrar que tem posses. Segue, assim, uma conversa sobre conquistas materiais regada a cerveja e churrasco, ambientada numa casa espaçosa, com piscina, campo de futebol, quartos amplos, geladeira dupla na cozinha, mesa com dez cadeiras, dentre outros detalhes descritos que, no mais, tomam o centro da conversa.

O recém-chegado, ao contrário, não tem bagagem, a não ser uma pesada fatura de lembranças e memórias do passado, mas que naquela prosa não cabem mais. João Lúcio agora é um admirador do capitalismo, quer mostrar que pode se vangloriar disso e sempre desvia a conversa para o que lhe convém. Nesse estranho diálogo, por mais que Oséias tente retomar alguma questão do passado, resigna-se a esquecer, enquanto suas lembranças são menosprezadas pelo irmão, que lhe indaga: “Como você lembra dessas bobagens todas?” (Ruffato, 2019, p. 214).

A estadia na casa do irmão foi rápida, pois a conversa tendia a se encaminhar para um novo enxotamento de Oséias quando João Lúcio lhe mostra um quarto no qual ele poderia passar a noite e encerra a conversa com um “bom, então amanhã a gente se vê [...]” (Ruffato, 2019, p. 222), ao que Oséias responde que sairá bem cedinho. Percebe-se que a narrativa não dá detalhes do final desse encontro, mas deixa entender que a despedida não foi diferente da recepção: fria, sem abraço ou sequer um aperto de mãos. Assim, a saga de exílio da família continua em curso.

Face à análise aqui desenvolvida, e tomando como base as reflexões de Stuart Hall, nota-se que as identidades das personagens acima passaram por um processo de deslocamento e fragmentação. Nesse sentido,

[...] quanto mais a vida se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem ‘flutuar livremente’. Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades dentre as quais parece possível fazer uma escolha (Hall, 2006, p. 75).

Entre os irmãos não há sinal de afeto, de relação amistosa ou mera cumplicidade, diga-se, em nível familiar. Nesse estranho convívio, a tentativa de retorno ao passado por um é repentinamente podada pelo outro, que vislumbra o discurso capitalista e para quem o estrito zelo com os bens materiais, e seus valores financeiros, lhe é muito mais interessante que os laços familiares. É na tentativa de fechar esse ciclo com os irmãos que o narrador leva o leitor à casa de Isinha, sua outra irmã. Esta, diferente de Rosana e João Lúcio, leva uma vivendo humilde entre perrengues praticamente diários, fazendo consertos em peças de vestuário, serviços de que recebe “centavos” pelos quais “tenho “que me esfalfar pra ganhar uma mixaria [...]” (Ruffato, 2019, p. 156).

A narrativa descreve que a sala minúscula da casa na periferia abriga uma tv de plasma e uma mesa, sobre a qual repousa um amontoado de calças jeans à espera de arremates – esse trabalho, é possível considerar, desvela o submundo invisível que envolve o comércio de mercadorias, bem como da exploração do trabalho no Brasil. Nesse dia a dia, o leitor acompanha Isinha que, além do trabalho para a fábrica tem de lidar com os afazeres domésticos e é assim que “A Isinha continua naquela vidinha difícil lá dela...” (Ruffato, 2019, p. 216).

Note-se que diversas vezes esse leitor se depara com cenas como:

Isinha pega uma pá, recolhe o lixo. [...] Isinha enxágua a roupa. [...] Isinha pega uma cestinha de plástico laranja abarrotada de pregadores coloridos e sai estendendo uma a uma as peças no varal [...] (p. 168); Isinha troca a água da latinha do frango, [...] Isinha amacia os bifés [...] Isinha enxagua a roupa... [...] (p. 169); [...] Isinha, pede água, [...] Isinha, grita [...]. (Ruffato, 2019, p. 169).

Surpreendentemente também, é em sua casa que a sensação de exílio diminui pois, ao contrário dos irmãos Rosana e João Lúcio, ela não oferece ao recém-chegado apenas comida e repouso. Nesse sentido, mesmo imersa nos afazeres diários ela consegue oferecer ao irmão um pouco de atenção e afeto. Ainda, da recepção à despedida, percebe-se sincera afeição no trato com o irmão recém-chegado da capital. Os fragmentos que seguem ilustram essa constatação:

Êh! Quem é vivo sempre aparece”, Isinha diz, abrindo o portão-zinho e me abraçando com força. “Pois é”, digo. “Vamos entrar”. (p.154); “Outro cafezinho, Zézo?” (p.155); “É cedo, Zézo!” Isinha reclama. “Não, Isinha, tenho que ir mesmo. Já amolei bastante...”. “Amolou nada”, ela diz, chorosa. [...]. “Quando você vai aparecer de novo?”, ela pergunta (Ruffato, 2019, p.156).

Como afirma Edward Said (2003), o exílio é uma fratura ou uma ferida incurável entre o sujeito e o lugar de nascença; é um estado de dispersão, numa vida às avessas do costumeiro que, desse modo, torna-se vagante e descontrolada. Nesse vagar, e apesar de ter sido acolhido afetivamente na casa de Isinha, Oséias continua um ser fragmentado o que, para Stuart Hall (2006) caracteriza o sujeito contemporâneo e isso expõe a crucial condição de exilado em que ele se encontra.

Sob tal condição de autoexilamento a cidade, as pessoas pela rua e os próprios irmãos não são mais os mesmos daquele menino magro que revirava as ruas e vielas numa bicicleta Caloi, décadas atrás. O passado, agora um tempo enregelecido, condensou-se nas lembranças e, dessa forma dura e fria, foi inevitavelmente absorvido pelo tempo e pela distância incontornáveis. O menino também não é mais aquele que, ao invés de ‘avoiar’ na bicicleta, agora arrasta os pés pesados em busca de rostos e histórias que fizeram parte dele, em especial uma (e sua necessidade de compreendê-la), dolorosamente representada pela morte da irmã, por suicídio. É nessa percepção que

embora retornasse ocasionalmente a Cataguases, em minha memória a cidade e tudo o que ela representava iam perdendo a nitidez, como uma fotografia que desbotasse pouco a pouco até converter em manchas esbranquiçadas, destituídas de qualquer significado. [...] A cidade alastrou, como fogo em mato seco, rápido e descontrolado (Ruffato, 2019, p. 10).

Sobre Oséias, imerso nesse retorno-exílio, ele passa os dias em Cataguases por lugares indefinidos – indefinição pousada ora no tempo que passa, ora no espaço geográfico agora desconhecido. Numa tentativa de retomada de seu passado, busca reatar vínculos com pessoas para além de seus familiares e parentes e, pela cidade, busca o reconhecimento de lugares de sua infância em uma arquitetura emotivamente antiga, já inexistente. Assim, vagueia mentalmente pelo (seu) passado buscando algo que não se concretiza e insiste em interagir com cataguasenses, sem sucesso todavia, pois não consegue reatar nenhum tipo de laço mais fraterno, ou amistoso, ou só condescendente. Oséias, nostálgico e melancólico, leva o leitor a fragmentos passados da vida em seu momento presente, que também se encontra fraturado. A tentativa de regresso, imersa e desconjuntada nessa nostalgia melancólica, é mais uma vez frustrada: “Sou um fantasma assustado esbarrando em corpos que se movem alvoroçados pelos territórios do passado” (Ruffato, 2019, p. 60).

O experimento inelutável da dor e do desgosto finca, crava na memória do exilado Oséias uma distância de si próprio e de suas origens mais saudosas. Nesse sentido, aliás, “uma tristeza essencial jamais poderá ser superada. As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás, para sempre” (Said, 2003, p. 46). O vazio, a nulidade da identidade agora dispersos no presente, a solidão companheira, o estranhamento e a sensação de perda são reflexos da experiência do exílio. No caso de Oséias, o reencontro de um exílio de si, dos seus (pelo menos para ele) e do seu lugar de nascimento. Em Oséias, esse sentido de retorno é sempre dificultado simbólica e geograficamente, pois “o silêncio e o frio envolvem meu corpo. Retorno, pisando nas pedras-brita que deformam o solado dos tênis” (Ruffato, 2019, p. 223).

O tempo do romance parece um processo de extensão e absorção do estado da personagem, e esse processo se estabelece com muita rapidez e, ao mesmo tempo, com muita lentidão. Assim transcorridos, os fatos ocorrem numa semana, mas parecem mesmo se alongar no decorrer dos anos. Sob tal processo, os detalhes da narrativa levam o leitor a percorrer vários mundos nesse curto tempo na cidade: mundos do/ no filho que retorna à sua terra natal, no interior de Minas, a fim de resolver questões e reestabelecer vínculos, ambos rompidos no passado.

Para além dos encontros, a narração de repetidas ações de Oséias, ao longo dos dias, assim como a presença recorrente a ambientes, então hostilmente reconhecidos, leva à leitura de que esses espaços se apresentam, também, transvestidos em lugares de fuga. Nesse périplo autoimposto, até a busca obstinada pelo banheiro, a princípio motivada pela saúde debilitada, bem como a relação estabelecida com esse lugar privativo, leva à leitura de que se estabelece também ali um tipo de lugar de exílio – um refúgio necessário. Oséias então se desloca, exila-se em diferentes lugares durante a viagem, sentindo-se um estrangeiro estranho, e esquecido, em diferentes ambientes.

Essas são, diga-se, ilustrações narrativo-descritivas de que a volta para casa/cidade, que bem poderia oferecer descanso, conforto, proteção e segurança do lar e do conhecido, torna-se outro e mais um exílio.

Logo, a volta à terra natal é marcada por instabilidades, incertezas e despertar de fantasmas adormecidos na memória que insistem, invencivelmente, em acompanhar o narrador-protagonista. Sua Cataguases (se dele tinha sido outrora), antes, tida como lugar do sossego e do ócio, encontra-se agora representada também pela correria da vida citadina; nessa sua cidade buscada e reencontrada, as casas e ruas mudaram, assim como os moradores, incluindo parentes e conhecidos. Nesse sentido, Oséias se sente de fato um estrangeiro que busca se encontrar naquele lugar que, enfim, não mais lhe pertence.

Num doloroso processo de buscar e reencontrar, sua existência de cidadão invisível traz muitas instabilidades quanto à vida e aos aborrecimentos cotidianos. Assim, entendendo que a única certeza é o passado solidificado nas memórias (Bhabha, 2005), o presente é como um momento que transita, no qual esferas de espaço e tempo se cruzam resultando na problemática da identidade e da diferença, entre o passado e o presente, e deixando os sujeitos em desordem, bem assim como é a cena que finaliza o romance, na qual o protagonista encerra sua fracassada jornada e apressa, sem ponto final, o fim sua própria vida, conforme fragmento abaixo:

“Coloco a mochila no chão. Apalpo e pego a garrafa de plástico. Agito-a, para que o pó se misture bem à água. Destampo. Tomo um longo gole. Sinto engulhos. Sento. Respiro fundo. Tomo outro longo gole, o líquido amargo escorre pela garganta, pelo peito. Estico meu corpo no chão, a mochila servindo de travesseiro.guardo. Merda, esqueci o boné no encosto da cadeira... Os tesourinhos da vó Luigia... Príncipe... Duca... Amanhã talvez chova... A mão cantava para Isinha dormir, o berço ao lado da máquina de costura, Desce gatinho, de cima do telhado, pra ver se esse menino, dorme um sono sossegado” (RUFFATO, 2019, 230-231).

Finalizando

A análise de *O verão tardio* leva a entender que o retorno repercute na vida dos que se retiram de seus lugares de pertencimento movidos por necessidades e anseios materiais, para além de uma volta geográfica ou de uma transposição de condições econômicas e sociais que separam o território de partida e o de chegada. Então, considerando que o sentido de pertencimento e o sentimento de inadequação levam a readaptações dos indivíduos submetidos a forças materiais e simbólicas do exílio, os referenciais de partida e de chegada podem se inverter, confundirem-se e mesmo se anularem;

tais processos interferem profundamente na vida desses indivíduos, fazendo com que se percebam, muitas vezes e inevitavelmente, em situações de descontrole e colapso da própria personalidade.

Assim, o retorno de Oséias para sua cidade natal se dá num aspecto só propriamente físico, mas não se efetiva nas relações pessoais, na busca de sentido para acontecimentos passados e na tentativa de reconhecimento do lugar (enquanto *locus*) e de si próprio. Importante notar que isso se estabelece em função da impossibilidade de alcançar o que já foi perdido, bem como com a dificuldade de lidar com essas perdas.

O exílio – enquanto paradoxal ponto-porto de chegada – é transfigurado no estranhamento do espaço em que Oséias nasceu e cresceu, no qual o sentimento de desprezo dos mais próximos aos mais distantes, a decepção consigo e com o mundo, a frustração das próprias expectativas e as dos outros são alguns dos gatilhos psicológicos que podem levar o indivíduo a situações extremas. Nesse romance o autor descortina comportamentos que são frutos de uma sociedade que, para Zygmunt Bauman, é uma versão individualizada e privatizada da modernidade, na qual a carga de padrões e modelos e a responsabilidade pelo fracasso “caem sobre os ombros dos indivíduos” (Bauman, 2001, p. 14).

Referências

ALVES, R. B.; BRAGA, C. R. V.; CHATELARD, D. S. O estado “demasiadamente humano” de Edward Said. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 30, e180041, 2019.

ARAÚJO, J. G. *António Vieira, entre o Degredo e a Pátria: Percursos de Saudades*. Coimbra: Universidade de Coimbra Faculdade de Letras, 2010.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Trad. de Raul Fiker. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: EdUFMG, 2005.

DALCASTAGNÈ, R. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Horizonte, 2012.

Dalcastagnè, R. Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea. *Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea*, v. 21, p. 33-53, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/8928>. Acesso em: 28 out. 2022.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

- HAN, B-C. *Sociedade do cansaço*. Trad. de Enio Paulo Giachini. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.
- ILIE, Paul. *Literature and Inner Exile: authoritarian Spain, 1939-1975*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1980.
- QUEIROZ, M. J. de. *Os males da ausência ou a literatura de exílio*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.
- RUFFATO, L. *O verão tardio*. São Paulo: Cia. das letras, 2019.
- RUFFATO, L. Luiz Ruffato fala dos bastidores de O verão tardio. *Jornal Literário da Companhia Editora de Pernambuco*, Recife, 2021. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br>. Acesso em: 15 set. 2022.
- SAID, E. Reflexões sobre o exílio. In: SAID, E. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003. p. 46-60.